

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FORMAÇÃO DIFERENTE, PARA UMA SOCIEDADE “IGUAL”

SILVA, Maria José Sousa da. UEPB¹

BARBOSA, Francisca Aline Pereira. UEPB²

SILVA, Maria Jociara Ferreira³

VILAR, Maria Juliana Leopoldino -UEPB⁴

CIÊNCIAS HUMANAS-SUBPROJETO: GEOGRAFIA

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de trazer à tona a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando seus principais problemas a partir de levantamentos bibliográficos e relatos de experiências. Conforme o próprio título sugere, cabe aqui, também, discutir as principais limitações da EJA na formação de cidadãos, sobretudo da classe trabalhadora, muito presente no cotidiano da EJA, bem como analisar possíveis caminhos para o progresso dessa modalidade de ensino. Essa modalidade de ensino é resultado da busca pela conclusão da educação básica em tempo reduzido, tendo um público, em sua maioria, de trabalhadores, fator que compõe uma das principais dificuldades deste ensino. A EJA é uma educação da classe trabalhadora, sobretudo porque representa uma expressiva parcela de indivíduos que, mesmo possuindo as mais diversas e diferentes experiências de vida (mulheres, negros, homossexuais, jovens, etc.), têm a existência marcada por situações adversas de produção da própria existência, sujeitando-se à venda em condições cada vez mais precárias de sua força de trabalho. (Ventura 2010, p.10). Este trabalho é resultado de experiências em sala de aula, através do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Escola Estadual Ensino Fundamental Professor Antonio Benvindo, cidade de Guarabira-PB. Portanto, buscará mostrar as principais limitações da EJA enquanto modalidade de ensino, a partir de experiências do próprio cotidiano. A Educação de Jovens e Adultos, apresenta inúmeras limitações, no entanto é necessário considerar que está na hora de surgir mudanças para essa situação, através do debate e da pesquisa.

Palavras-Chave: EJA; Histórico; Dificuldades; Propostas; Geografia

¹ Aluna do curso de graduação em geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: mariasilva.geo@gmail.com.

² Aluna do curso de graduação em geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: alinefapb_17@hotmail.com

³ Aluna do curso de graduação em geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: juciara.mktb@hotmail.com

⁴ Professora do departamento de geografia UEPB, orientadora do artigo.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos tem sido um dos temas de discussão na comunidade acadêmica que tem ganhado cada vez mais espaço, isso se deve ao fato dessa modalidade de ensino proporcionar uma atração à sociedade como alternativa de conclusão da educação básica em tempo reduzido.

Essa busca pela conclusão da educação básica em tempo reduzido tem levado não só adultos, mas também vários jovens a buscar essa modalidade de estudo para obter uma redução no tempo, ou até mesmo recuperar um tempo de estudo perdido. Trata-se, portanto, de uma forma amenizar os danos educacionais que o país juntou durante séculos a partir do encolhimento dos períodos de aula.

Neste contexto, é necessário destacar algumas questões que vem a tona sobre a EJA, entre elas a principal: estaria a EJA alcançando realmente seus objetivos de formação? Ou será que seria ela mais um programa com iniciativas governamentais frustrado pela falta de credibilidade que a sociedade dispõe a esse programa? Qual a verdadeira importância da EJA para as classes dominadoras e dominadas? Essas e outras questões serão levantadas e discutidas ao longo deste trabalho, norteando assim esse diálogo e teorias e práticas educacionais.

A EJA precisa ser pensada como uma oportunidade de formação para alunos que atuarão na mesma sociedade que os alunos de cursos regulares, no entanto é necessário pensar ainda que são indivíduos que já atuam nesta sociedade, e que já trazem uma leitura do mundo que nem sempre condiz ao conhecimento proposto pelo professor, mas que precisa ser o ponto de partida para a produção do conhecimento. Nesse sentido,

Refletir sobre como esses jovens e adultos aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. (RIBEIRO, 2001, p. 16)

A condição de não criança, conforme citado antes, deve ser usada como ponto de partida em sala de aula, pois a bagagem de conhecimentos de um adulto difere totalmente de uma criança, esta não atua decisivamente na sociedade, apenas está começando a adquirir ferramentas para isso, enquanto um adulto, mesmo sem letramento atua na sociedade mesmo

sem entendê-la, exerce cidadania em aspectos múltiplos mesmo sem considerar sua importância.

A condição de excluídos retrata uma realidade de classes que se estendeu desde o Brasil colonial até os dias atuais, onde a maioria da população, especificamente a classe trabalhadora, dedicava todo o tempo a geração de riquezas para a classe dominante, não tendo a oportunidade de frequentar escolas e conseguir um mínimo nível formação. Excluídos, portanto das oportunidades que o conhecimento e a informação proporcionam ao ser humano.

E por fim, a condição de membros de grupos culturais. Os alunos da EJA em sua maioria já trazem consigo seus costumes próprios, credos religiosos, forma de falar, comportamento e até mesmo a forma de interagir com os demais alunos. Isso por que antes de alunos, eles são também seres sociais, que pertencem a um grupo, a uma realidade cultural distinta, onde acarretaram durante toda uma vida conhecimentos (senso comum) necessários à sua sobrevivência.

Diante do exposto aqui, este trabalho tem o objetivo de evidenciar a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando seus principais problemas a partir de levantamentos bibliográficos e relatos de experiências. Conforme o próprio título sugere, cabe aqui, também, discutir as principais limitações da EJA na formação de cidadãos, sobretudo da classe trabalhadora, muito presente no cotidiano da EJA, bem como analisar possíveis caminhos para o progresso dessa modalidade de ensino.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta revisão de literatura tem o propósito de fazer um levantamento histórico dos principais acontecimentos que nortearam a educação de jovens e adultos no Brasil. E ainda trazer os conceitos importantes acerca do tema abordado. Portanto serão discutidas, a partir destes conceitos, as principais hipóteses levantadas anteriormente.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil pode ser datada desde o período colonial Strelhow (2010). Nesta época os jesuítas já direcionavam a educação também aos adultos no

intuito de catequizá-los. No entanto com a saída dos jesuítas do Brasil, a educação ficou sob a responsabilidade do Império, restringindo assim o acesso a educação apenas à elite, situação que se estendeu por décadas.

Apenas a partir da década de 1930 que a educação de jovens e adultos passou a ser alvo da preocupação. De acordo com Paiva (2013), a educação de adultos passou por inúmeras reformas ao longo dos anos, até chegar o que é hoje. No entanto de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (1996), “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Neste contexto a alfabetização de adultos passaria a ser uma prioridade, associada à necessidade de mão de obra com o mínimo de qualificação o governo atentou para a necessidade de escolarizar a classe outrora desfavorecida. A partir dessa concepção surgiram inúmeros movimentos com o propósito de alfabetizar os jovens e adultos brasileiros.

A partir da década de 60 a EJA ganhou mais impulso, a partir do trabalho de Paulo Freire, conforme destaca Quintão (2011) essa modalidade de ensino passou a ser alvo das preocupações, não só do Estado, mas também dos mais variados grupos sociais, tais como igrejas, rádios e comunidades. Paulo Freire trouxe consigo uma metodologia voltada e preocupada com essas pessoas que eram obrigadas a abandonar a vida acadêmica por causa de empregos e do próprio sistema capitalista em si.

Nesta mesma década surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), sob domínio dos militares, a educação de adultos era controlada de perto, tornando-os assistencialistas e conservadores, Paiva (2013). A partir do Mobral, iniciou-se um intenso movimento para erradicar as altas taxas de analfabetismo no Brasil. No entanto, esse projeto não durou muito tempo.

Em quinze anos de existência o Mobral atendeu 40 milhões de pessoas, receberam certificado 15 milhões, mas como admitia o próprio órgão em 85, apenas 1,5 milhões, de pessoas podiam ser consideradas alfabetizadas. O Mobral é extinto em novembro de 1985 e no mesmo dia é criada a Fundação Educar, em substituição, tendo como método o modelo Paulo Freire, com propostas de descentralização. Christofolletti (1997)

De acordo com a autora supracitada, no final da década de 80, surge o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC) que não deixa clara as reais dimensões da

participação da sociedade na sua elaboração, se é para definir a política geral ou somente executar as determinações do governo Paiva (2013). Também não está claro se o PNAC é somente unia campanha nacional de alfabetização com alto teor demagógico e eleitoreiro como outras que já existiram.

Conforme já citado antes, a educação de jovens e adultos passou a ser providenciada, como um direito do cidadão estabelecido na LDB (1996). De acordo com o breve histórico levantado aqui, essa modalidade de ensino nunca foi uma preocupação efetiva do poder público, que se reservou a investir apenas à medida que percebeu que a falta de escolaridade da população refletia no desenvolvimento do país.

Essa falta de investimentos reflete no principais problemas da EJA atualmente. Onde um dos principais é a falta de credibilidade desta modalidade de ensino pelos alunos e até pelos próprios professores. Estes na maioria das vezes não conhecem a importância de participar da formação de adultos, e desconhecem a necessidade de fazer da educação um instrumento de democracia conforme sugere Paiva (2013), baseada nas colocações de Paulo Freire.

E conforme o título do trabalho propõe, essas dificuldades também refletem na formação dos alunos, e mais ainda na sua atuação em sociedade, levando em consideração que a maioria destes alunos da EJA querem apenas concluir o curso e conseguir ou melhorar no emprego, conforme destaca Almeida (2009). Sobre este mesmo pensamento, concluimos esse referencial com as palavras de Ventura.

A EJA é uma educação da classe trabalhadora, sobretudo porque representa uma expressiva parcela de indivíduos que, mesmo possuindo as mais diversas e diferentes experiências de vida (mulheres, negros, homossexuais, jovens, etc.), têm a existência marcada por situações adversas de produção da própria existência, sujeitando-se à venda em condições cada vez mais precárias de sua força de trabalho. (Ventura 2010, p.10)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é resultado de experiências em sala de aula, através do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), financiado pela Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Escola Estadual Ensino Fundamental Professor Antonio Benvindo, cidade de Guarabira-PB, durante o período de um ano, tendo a supervisão dos professores na Universidade Estadual da Paraíba.

Como princípio, este estudo partirá da leitura do material bibliográfico para fundamentar teoricamente a discussão através de livros, artigos, revistas e pesquisas na internet para fundamentar a teoria sobre o tema discutido.

Em uma segunda etapa será composta pela coleta de dados e análise dos resultados. Os dados serão coletados a partir de questionários com os alunos para levantar as principais dificuldades que os mesmos encontram relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem da geografia na modalidade EJA e ainda as principais dificuldades que estes alunos encontram ao ter que associar seu conhecimentos ao mundo do trabalho.

E por fim será desenvolvida uma discussão com base nos dados obtidos, no intuito de provocar um debate sobre estes problemas que envolvem a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levantamento das principais dificuldades

A primeira dificuldade, ou questão, que deve ser levada em consideração diz respeito à estrutura das escolas brasileiras e sua capacidade de receber os alunos da EJA. É necessário salientar que os alunos da EJA trazem consigo realidades singulares, uma bagagem de conhecimentos próprios e adquiridos durante toda uma vida. Portanto, a escola que forma crianças e adolescentes precisa se adaptar a essa nova realidade, o que não é algo tão simples.

A escola brasileira passa por uma “adequação para uma grupo que não é o “alvo” principal da instituição, conforme destaca Ribeiro (2001). Ou seja, muitas escolas não estão preparadas para essa classe de estudantes, assim como muitos profissionais também não conseguem distinguir entre os ritmos cognitivos de uma criança e um adulto e dessa forma, acabam por generalizar e desenvolver as mesmas aulas, com os mesmos recursos e as mesmas metodologias de ensino.

Podemos destacar como dificuldade também, o tempo destinados as aulas da EJA. No ensino regular as aulas duram cerca de 45 e 50 minutos, na EJA esse tempo é reduzido a apenas 30 minutos. Sem contar que uma parte dos alunos chega após o horário e acabam indo embora mais cedo, isso por que muito moram distante da escola.

A questão do material, já muito discutida quanto ao ensino de geografia, também é um empecilho na EJA. O material destinado a essa modalidade de ensino geralmente é mais limitado que o do ensino regular, se neste caso já é complicado ao professor que não se desprende do livro envolver o aluno no mundo do conhecimento, na EJA é ainda mais, pois os livros são na maioria das vezes muito resumidos, temas que nem sempre correspondem aos conceitos geográficos realmente e ainda totalmente indiferente a realidade do aluno da EJA.

Outra dificuldade de fundamental importância na discussão é a faixa etária dos alunos da EJA. A maioria dos alunos, conforme já mencionado antes, são alunos adultos, com idade superior a 21 anos, porém há uma especificidade na EJA que o ensino regular pouco apresenta, seria a variedade do público. Ao mesmo tempo que existem alunos de 25, 30 ou 40 anos, existem também alguns jovens com idade superior a 15 anos. Essa diversidade muitas vezes acaba por trazer alguns prejuízos a EJA, pois são pessoas com objetivos diferentes, enquanto uns correm atrás do tempo perdido, outros vão a escola perder tempo. Frutos de uma classe formada no Brasil ao longo de sua história, que desconhece a importância da educação e do conhecimento para a vida em sociedade.

Por ultimo, quero discutir a principal dificuldade levantada na pesquisa e também tema central das próximas linhas de discussão deste trabalho, a associação entre estudo e trabalho. Esse tema por si só seria uma discussão gigantesca, no entanto os fatores citados anteriormente e este, estão intimamente ligados, além de outros que não nos deteremos, mas que são realidade da EJA.

O aluno da EJA e o mercado de trabalho

Conforme mencionado antes, os alunos da EJA, em sua maioria, fazem parte de uma classe trabalhadora, uma classe que trocou o ensino regular pelo trabalho, isso não apenas por escolha, mas por obrigação da própria condição social vigente no país. Sobre esse pensamento, Almeida afirma que:

A educação formal foi um processo esporadicamente interrompido pelos alunos trabalhadores da EJA provocado pela necessidade imposta pela própria sobrevivência material e familiar. Estes alunos trabalhadores fazem parte de uma totalidade de homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção. (ALMEIDA, 2009, p. 338)

Essa é realidade da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, alunos que buscam recuperar o tempo perdido ou tirado de suas condições, ou alunos que querem o diploma para aumentar o valor de sua força de trabalho, uma vez que cada vez mais o mercado exige das pessoas uma qualificação específica.

Nos dados coletados durante o período de atuação do PIBID na escola Antonio Benvindo, em um universo de aproximadamente 80 alunos (ensino fundamental, EJA, turno da noite, 2013), 40 alunos responderam aos questionários, apenas 4 desses alunos responderam não exercer nenhuma atividade remunerada, os demais tem algum tipo de trabalho, seja ele formal ou não. E afirmaram que esta atividade seria um das causas do pouco desempenho nas aulas, pois segundo eles, ao chegar nas aulas já estavam cansados do dia de trabalho.

Quando questionados se eram novatos ou repetentes, 7 alunos afirmaram ser já ter cursado a mesma série anteriormente, ou seja, são alunos que tiveram que abandonar a escola por algum motivo, na maioria dos casos: trabalho. Muitos ainda afirmaram que voltaram apenas para conseguir o certificado, pois não pretendiam prosseguir e ingressar em um ensino superior.

Sobre o tipo de atividade exercida por estes alunos, mais da metade deles trabalha na informalidade, realidade da classe desfavorecida brasileira. Para Beltrão (2009, p.29) há várias formas de trabalho na informalidade, como o trabalho autônomo; o trabalho por conta própria; o trabalho temporário; e os trabalhos terceirizados que encobrem o caráter subordinado do trabalho informal aos setores dinâmicos da economia e, conseqüentemente, ao processo de acumulação capitalista.

Muitos desses alunos trocam sua força de trabalho por um salário pouco equivalente e o pior, desconhecendo seus direitos, sobre isso Gorz (1996) defende que “é preciso reconhecer o direito de todos os trabalhadores/as jovens ou adultos, não apenas de utilizar a escola, mas também de construir para transformá-la, revolucioná-la e geri-la”.

Uma outra questão muito importante é o fato desses alunos ter a consciência das limitações do ensino na EJA, a maioria dos alunos afirmaram que o ensino na EJA deixa

muito a desejar, pois muitos temas estudados são indiferentes a realidade deles, isso associado a falta de tempo faz do cotidiano escolar desses alunos um conflito perpétuo, onde muitos acabam por se adequar a ideia de conseguir apenas um certificado mesmo, conforme muitos colocaram.

Essa é a realidade do ensino na EJA do município de Guarabira-PB e acreditamos não ser diferente no Brasil, pois são dificuldades que acompanham o processo histórico brasileiro de exploração e pouco investimento para as classes menos favorecidas, classes que mantêm as demais e desconhecem seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos, conforme exposto neste trabalho apresenta imensas limitações, no entanto é necessário considerar que está na hora de surgir mudanças para essa situação. Isso só será possível por meio do debate, da pesquisa e da reavaliação das verdadeiras prioridades e necessidades dessa modalidade de ensino.

O currículo escolar da EJA deveria ser pensado à luz das características e necessidades do público jovem e adulto, composto invariavelmente por trabalhadores para os quais o Estado e a sociedade brasileira contraíram imensa dívida ao não garantir-lhes condições sociais para que pudessem frequentar os bancos escolares no período da infância ou adolescência. (SANTOS, 2008, p. 14)

Mas para que reformas aconteçam, é necessário uma mobilização das partes interessadas, a começar pelos profissionais e pesquisadores da área, por meio de novas propostas, quem sabe partindo do próprio princípio da realidade do alunado em questão, a classe trabalhadora e suas limitações.

Dessa forma a EJA poderá chegar a receber a importância devida e deixará de ser apenas uma opção para alunos que não tem tempo de estudar durante o dia, ou que não acompanharam o ritmo dos alunos da educação regular, mas será uma modalidade de ensino capaz de formar cidadãos e dá-lhes instrumentos necessários para viver e atuar na sociedade em que estão inseridos, lendo e transformando a realidade a sua volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA , Juliana Nóbrega de. Um olhar sobre a educação de jovens e adultos no bairro de Bodocongó em Campina Grande-PB. Revista OKARA: Geografia em debate: João Pessoa, 2009.

BELTRÃO, Myriam Matsuo Affonso. Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo, 2009.

CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Educação popular e educação de adultos. Revista De Educação, Cultura E Meio Ambiente. Set. - N° 9 V.1, 1997

GORZ, André. Crítica à divisão do trabalho. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 1996.

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.

PAIVA, Vanilda da. História da Educação Popular no Brasil: Educação Popular e Educação de Aultos. Loyola: São Paulo, 2013.

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff. A Geografia na Educação de Jovens e Adultos trabalhadores em Mamanguaoc: Percurso Histórico e Práticas atuais. Dissertação de Mestrado-UFPB. João Pessoa, 2011.

RIBEIRO, Vera Masagão (org). Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. Mercado de Letras: Campinas-SP, 2001.

SANTOS, Enio José Serra dos. Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores:

concepções, políticas e propostas curriculares. Tese de Doutorado em Educação. Niterói-RJ/UFF, 2008.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve História Sobre A Educação De Jovens E Adultos No Brasil. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010.

VENTURA, Jaqueline P. As relações entre trabalho e Educação de Jovens e Adultos: elementos para a reflexão sobre a perspectiva conformadora e o potencial emancipador. I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos. UFPB, jul. 2010.